

# Questões identitárias no Canadá francófono: o caso da Acádia

Aline Cristina de Assis Campos  
Ana Rosa Neves Ramos

*Resumo:* Sabemos que as identidades – nacionais, regionais ou individuais – não existem por si mesmas: elas são fruto de um processo de construção histórica. No interior desse processo, os discursos ideológicos possuem um papel relevante, posto que têm como um de seus pressupostos explicitar e redefinir periodicamente os contornos da nação. É nessa perspectiva que nosso trabalho propõe lançar um olhar sobre a Acádia, que é, sem dúvida, um caso exemplar, por possuir um passado único na história das sociedades coloniais na América do Norte. Primeira colônia francesa estabelecida em território canadense, os acadianos têm a Deportação de 1755 como marco histórico que transformou para sempre a sua identidade. Nosso estudo busca analisar o mito da acadianidade e suas (re)configurações no espaço e no imaginário americano do norte, além de retratar alguns momentos importantes no itinerário desse povo.

*Palavras-chaves:* Historicidade; identidade acadiana; cultura canadense francesa

*Abstract:* We know that the identities – whether national, regional or individual, do not exist by themselves: they are the result of a process of historical construction. In this process, the ideological discourses play a relevant role given that one of their presumptions is the periodical clarification and redefinition of the contours of the nation. In this perspective our work proposes a closer look at Acadia which is, without any doubt, an exemplary case, as it possesses a unique past in the history of the colonial societies in North America. First permanent French settlers in Canadian territory, the Acadians have the deportation of 1755 as the milestone that once transformed its identity for all. Our study aims at analyzing the myth of the Acadian identity and its (re)configurations in space and in the imaginary of North-Americans, as well as retracing some important moments in the trajectory of this people.

*Key words:* Historicity; Acadian identity; French Canadian culture

*Resumé:* On sait que les identités – qu'elles soient nationales, regionales ou individuelles – n'existent pas par soi-mêmes; elles se dégagent d'un processus de construction historique. À l'intérieur de ce processus, les discours ideologiques jouent un rôle considerable lorsque l'un de ses presupposés est expliciter et redefinir periodiquement les contours d'une nation. Dans cette perspective, notre travail propose jeter un regard sur l'Acadie qui est, sans doute, un cas exemplaire grâce à son passé unique dans l'histoire des sociétés coloniales en Amérique du Nord. Première colonie française établie en territoire canadien, la Déportation de ses habitants en 1755 a

façonné son identité à jamais. Notre étude analyse le mythe de l'acadianité et ses (re)configurations dans l'espace et l'imaginaire américain du Nord, tout en retraçant quelques moments importants de l'itinéraire de ce peuple.

*Mots clés:* Historicité; identité acadienne; culture canadienne-française

A Acádia contemporânea situa-se nas províncias marítimas do Canadá, nas regiões majoritariamente francófonas da Ilha do Príncipe Eduardo, da Nova Escócia, da Nova Brunswick e da Terra Nova. Expulsos de seu território pela Deportação de 1755, os acadianos reconstruíram alguns anos mais tarde uma nova Acádia, espécie de país virtual, que sobrevive na memória coletiva dos descendentes dos primeiros colonos. Embora não possua um território político ou jurídico próprio, a Acádia e os acadianos são mais uma grande demonstração de como um povo e uma cultura podem “resistir” e se (re)afirmar dentro de um espaço que lhes foi usurpado. Mas o que significa ser acadiano em nossos dias, mais de 250 anos após a Deportação? Eis algumas das reflexões propostas por este artigo, fruto dos estudos empreendidos no projeto de pesquisa Espaço Público, Identidades e Mídia, orientado pela Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Ana Rosa Neves Ramos, cujo objetivo maior foi analisar o mito da acadianidade e as suas (re)configurações no espaço contemporâneo canadense.

Em busca de um novo caminho para os ricos mercados do oriente, exploradores franceses e ingleses navegavam pelas águas da América do Norte. Embora nunca tenham encontrado o caminho para a China e para a Índia, encontraram algo tão valioso quanto o que procuravam: ricas águas piscosas e abundantes populações de castores, cuja pele era muito apreciada na fabricação dos chapéus então em voga na Europa.

Com o objetivo de assegurar as possessões coloniais no Novo Mundo, a França envia em 1524 o explorador italiano Giovanni de Verrazano, que emprega pela primeira vez o termo Acádia<sup>1</sup>. Chegando na região no mês de abril, ao explorar a

---

<sup>1</sup> A partir de sua viagem em 1524, será possível encontrar nos mapas menção de *l'Acadie*, ou *l'Arcadie* ou ainda *la Cadie*. No século 17, após ter conhecido diversas grafias, o nome Acadie é adotado para designar a colônia francesa.

costa atlântica da Flórida à Terra Nova, ele encontra uma vegetação tão exuberante que nomeia o lugar Acádia, em lembrança à região da Grécia antiga da qual os poetas celebraram a existência e a alegria de viver (Daigle, 1993: 2).

É no quadro da exploração de um monopólio centrado sobre o comércio de peles que se faz o primeiro estabelecimento francês na Acádia. Em 1604, com o apoio do rei da França Henrique IV, uma esquadra dirigida por Pierre du Gua de Monts se aventura a fundar um entreposto comercial nessa região. Ele estabelece uma base em Île Sainte-Croix na baía de Fundy, hoje situada na fronteira do atual estado americano do Maine e da Nova Brunswick. O primeiro inverno canadense é particularmente difícil para esses pioneiros, que sobrevivem graças à ajuda alimentar dos ameríndios. Uma fração significativa da população morreu devido à fome e doenças durante esse período. Na primavera de 1605, o entreposto é mudado para o outro lado da baía de Fundy, em Port-Royal, no atual Vale d'Annapolis situado na Nova Escócia, tornando-se o primeiro estabelecimento permanente dos franceses na América do Norte e o centro administrativo da Acádia francesa durante mais de um século. Os ameríndios abénakis, micmacs e malécites, que já ocupavam o território há milhares de anos, tornam-se importantes aliados para os colonos franceses estabelecidos em Port-Royal. Ao longo dos anos esses colonos desenvolveram maneiras próprias de viver no lugar, adaptando seus costumes e sua cultura ao novo ambiente. Surgem assim os principais elementos de uma sociedade com traços originais, que no final do século 17 já se reconhecia por esta identidade tão particular: a identidade acadiana.

Sendo a primeira colônia francesa estabelecida em território canadense, a Acádia viu-se abandonada à própria sorte após a fundação do Quebec (1608), por Samuel de Champlain. Considerado o primeiro assentamento permanente bem-sucedido no Canadá, o Quebec passa a ser a capital da Nova França, diminuindo, portanto, a importância da Acádia no contexto do grande império colonial francês. No entanto, a sua posição estratégica torna-a cada dia mais cobiçada pelos ingleses, que atacam regularmente as moradias francesas e

saqueiam os navios dos pescadores e comerciantes. Distante da França e do Vale do São Lourenço, principal espaço colonizado pelos franceses, a antiga colônia é alvo de vários ataques desde 1690 até sua capitulação final, em 1710, ano em que foi rebatizada como *Nova Scotia* pelos novos proprietários britânicos.

Em 1713, pelo Tratado de Utrecht, que pôs fim à Guerra de Sucessão da Espanha, a França cede à Inglaterra a Acádia, assim como a Baía de Hudson e a Terra Nova. Todavia, retém consigo os territórios que hoje correspondem à Ilha do Príncipe Eduardo e à Ilha do Cape Breton, além dos direitos de pesca na Terra Nova. A grande maioria dos acadianos continua em suas terras, sob a condição de permanecerem “neutros” em caso de conflito entre as duas metrópoles, e apenas algumas dezenas de famílias se deslocam para as colônias francesas vizinhas. Nas décadas seguintes, sob o regime inglês, os colonos acadianos dos territórios conquistados vivem um clima de incerteza e de preocupação. Ainda que se trate de um período de paz, as autoridades querem obrigá-los a jurar lealdade à Coroa inglesa, o que os acadianos se recusam a fazer, já que isso significaria abjurar a fé católica e impediria uma posição de neutralidade absoluta em caso de conflito com a França.

No verão de 1755, diante da recusa e em prenúncio da Guerra dos Sete Anos, a Inglaterra decide tomar medidas mais enérgicas: deportar todos os acadianos que se obstinam em não prestar juramento à Coroa inglesa. As autoridades coloniais reúnem na igreja de Grand-Pré a população dos vilarejos, aprisiona-a e a deporta em navios insalubres com destino às 13 colônias americanas, à França e à Inglaterra. As casas são queimadas e as famílias dispersas. Entre 1755 e 1763, os soldados ingleses “caçam” os acadianos em todas as margens das províncias marítimas, inclusive nos territórios ainda pertencentes à França, capturam-nos e igualmente os deportam.

Esse exílio forçado, chamado “Grand Dérangement”, atinge cerca de 13000 habitantes da Acádia. Alguns conseguiram se refugiar na floresta, outros fugiram em direção ao Vale do São Lourenço. Vários deportados morrem antes de encontrar uma terra de asilo: alguns sucumbem às doenças ou às terríveis condições dos navios que os transportavam, ao passo

que outros perecem em naufrágios. Ao fim da guerra, a população acadiana se encontra dispersa nos dois lados do Atlântico. Com isso, a Inglaterra acredita pôr fim à presença francesa na baía de Fundy e resolver seu problema imediato de segurança. As autoridades imperiais imaginavam que, imersos na sociedade anglo-americana, os acadianos adotariam progressivamente a língua e a religião da terra de asilo, mas aconteceu exatamente o inverso: o choque da deportação foi tal que reforçou o sentimento identitário para a maior parte dos acadianos.

O Tratado de Paris, assinado em fevereiro de 1763, sela o fim da Guerra dos Sete Anos, assegurando à Inglaterra a posse da Nova França e de todas as colônias na América do Norte, com exceção das ilhas Saint-Pierre-et-Miquelon e do direito de pesca sobre as costas norte e oeste de Terra Nova. As autoridades britânicas permitem que os acadianos voltem do exílio e se instalem em pequenos grupos isolados. Os acadianos que retornaram não encontraram mais as ricas terras que haviam deixado: as autoridades coloniais haviam cedido todas as terras férteis aos colonos protestantes provenientes da Nova Inglaterra, conhecidos como *Planters*. A chegada maciça desses colonos muda radicalmente o caráter étnico da colônia, que se torna majoritariamente inglesa e protestante. Em contrapartida, o retorno dos acadianos faz com que uma nova Acádia tome forma: a construção de novos vilarejos, distantes dos lugares de povoamento inglês, recria e favorece a implementação de um ambiente propício à preservação de seus valores e tradições (Daigle, 1993: 41).

Fato é que, desde seu estabelecimento como colônia francesa no século 17, a Acádia não possui fronteiras estáveis, tendo seu território reivindicado ora pela França, ora pela Inglaterra. Entre 1604 e 1763, a colônia muda oito vezes de mãos – isto é, de metrópole. No século 18, a questão das fronteiras torna-se ainda mais ambígua, pois o Tratado de Utrecht de 1713, que cede a Acádia francesa à Inglaterra, é muito impreciso acerca dos limites territoriais.

Se o Quebec tornou-se uma das dez províncias da federação canadense, a Acádia nunca conheceu tal itinerário. Na

verdade, o território acadiano nunca foi oficialmente reconhecido de modo a constituir a base de um estado, província ou região administrativa, com jurisdição própria e geografia delimitada. Situado na costa leste do Canadá, o território da Acádia contemporânea compreende as províncias de Nova Brunswick, Nova Escócia, Terra Nova e Ilha do Príncipe Eduardo.

A escritora acadiana Antonine Maillet, em seu livro *La Sagouine*, ilustra através da personagem o sentimento de uma coletividade ainda em busca de uma identidade “apagada” com a desterritorialização.

... En Acadie, qu'ils nous avont dit, et je sons des Acadjens. Ça fait que j'avons entrepris de répondre leu question de nationnalité coume ça: des Acadjens, que je leur avons dit. Ça, je sons sûrs d'une chouse, c'est que je sons les seuls à porter ce nom-là. Ben ils avont point voulu écrire ce mot-là dans leu liste, les encenseux. Parce qu'ils avont eu pour leu dire que l'Acadie, c'est point un pays, ça, pis un Acadjen c'est point une nationnalité, par rapport que c'est point écrit dans les livres de Jos Graphie (Maillet, 1971).

Segundo a historiografia tradicional, se o século seguinte aos acontecimentos do “Grand Dérangement” caracteriza-se como um período de reconstrução, ele representa igualmente um período de isolamento e de precariedade socioeconômica para as comunidades acadianas. A inexistência de direitos e a falta de representatividade jurídica, assim como a chegada maciça dos Legalistas, cassados pela Revolução Americana em 1780, destinam os acadianos a um futuro incerto.

Na segunda metade do século 19, um despertar na consciência coletiva dos acadianos faz nascer o desejo de uma sociedade igual àquela de seus concidadãos anglófonos e canadenses franceses, tendo como resultado o florescimento que se faz sentir nos níveis social, econômico, político, cultural e religioso. É o que designam como a Renascença Acadiana.

Os locais por excelência da atividade dessa nova elite acadiana serão, sem dúvida, as convenções nacionais que nascem da necessidade de um fórum para discutir projetos

coletivos. Debateram-se diversos problemas, entre os quais a falta de escolarização em língua francesa, o êxodo dos acadianos em direção aos centros urbanos anglófonos das províncias marítimas ou dos Estados Unidos, a falta de representatividade acadiana no seio das estruturas políticas e religiosas etc. Na primeira convenção nacional que realizaram em Memramcook, em 1881, os acadianos adotaram como festa nacional o 15 de agosto, em honra à sua padroeira, Nossa Senhora da Assunção. Em 1884, na convenção de Miscuche, o cântico mariano *Ave Maris Stella* é escolhido como hino nacional, juntamente com a bandeira que adota o tricolor francês com a estrela dourada da Virgem Maria na parte azul (Basque, Barrieau e Côté, 1999: 26-27).

As convenções encorajam ainda a fundação de jornais acadianos, entre os quais se destaca *L'Évangéline*, fundado na Nova Escócia em 1887. Esse jornal, que atuou ao mesmo tempo como testemunha e ator da evolução da sociedade acadiana, teve papel fundamental na difusão de ideias da elite que se constituía, além de reaproximar as comunidades acadianas dispersas nas províncias marítimas do Canadá (Dairon, 2005: 205). Ao final das 16 convenções nacionais realizadas entre 1881 e 1979, são adotadas diversas ferramentas de promoção coletiva e símbolos de unificação e distinção da sociedade acadiana.

Apesar de todas as conquistas da elite acadiana, no início do século 20 a maioria da população continua em uma situação socioeconômica muito difícil, pois muitas comunidades acadianas sobreviviam essencialmente da pesca. A partir de 1930, nascem as primeiras cooperativas, sobretudo no setor da pesca e no de poupança e de crédito. Essas últimas, denominadas Caixas Populares (Caisses Populaires en Acadie), se tornarão forças econômicas de primeiro plano na tentativa de se contornar a situação socioeconômica da Acádia na segunda metade do século 20.

Os anos que seguem à Segunda Guerra Mundial, embora aparentemente a sociedade acadiana seja ainda muito tradicional, marcam a entrada da Acádia no mundo da modernidade, tornando-a cada vez mais aberta ao mundo exterior – graças às redes familiares de imigrantes, aos jornais,

ao rádio e, a partir de 1950, à televisão, que começa a invadir os lares acadianos.

Ao longo dos anos 60, um novo fato vem marcar tal transição: pela primeira vez, um acadiano é eleito como primeiro-ministro da província da Nova Brunswick. No governo de Louis-J. Robichaud, várias conquistas beneficiam a população francófona da província, entre as quais a criação da Universidade de Moncton em 1963 e a *Lei sobre as línguas oficiais da Nova Brunswick* (1969), que lhe outorga o *status* de única província oficialmente bilíngue no Canadá.

Segundo Eurídice Figueiredo, durante dois séculos os canadenses franceses se sentiram minoritários, dominados pelos ingleses. Viviam sobretudo no campo e se apegavam a dois elementos constitutivos de sua identidade: a língua francesa e a religião católica (Figueiredo, 1995: 47). Como em todas as culturas, a língua e a religião estão intimamente ligadas à questão identitária na Acádia. A tradição também serve de fundamento identitário e desempenha papel relevante na construção de uma memória coletiva.

A lembrança do trágico – a Deportação de 1755 – continua a marcar a acadianidade. Como todo povo, e, mais ainda, como toda minoria, os acadianos têm orgulho de sua história, a qual foi mitificada pelo célebre poema do norte-americano Henry Wadsworth Longfellow “Evangeline: a tale of Acadie”, escrito em 1847. A heroína dessa epopeia foi cruelmente separada de seu noivo, Gabriel, no dia do casamento, por causa da Deportação. As circunstâncias políticas entre a França e a Inglaterra, perpetuamente em conflito, ditam o futuro dos dois jovens amantes. Évangéline segue errante em busca do seu amor, mas só consegue reencontrá-lo décadas mais tarde quando, enfermeira de um hospício na Filadélfia, acolhe Gabriel em seus braços momentos antes de ele morrer (Morency, 2007: 256). A epopeia soube tocar o coração de uma geração de acadianos em busca de sua identidade no fim do século 19 e início do 20. A personagem simbólica de Évangéline continua onipresente no imaginário coletivo, sendo ainda hoje o símbolo da singularidade e da coragem do povo acadiano.



Essa obra de ficção, que faz ouvir na América do Norte a voz da protagonista Évangéline Bellefontaine, dá reconhecimento público a um povo que se reconstituía pacientemente após a deportação e torna-se o mito fundador da Acádia. Após a publicação do poema em língua inglesa, sucederam-se as versões em língua estrangeira em centenas de edições. No entanto, o sucesso e a posteridade do mito de Évangéline no Canadá francês foram assegurados pela tradução francesa de Pamphile Le May, publicada em 1865. Segundo Jean Morency, o poema tipicamente americano de Longfellow foi de alguma forma “canadianizado” pela tradução de Pamphile Le May e ainda “acadianizado” por sua recepção entusiástica na Acádia (Morency, 2007: 259).

Jean du Berger esclarece que a constituição de uma memória coletiva é uma questão de escolhas – geralmente consciente e, mais frequentemente inconsciente –, pelas quais se procura persuadir o destinatário de que a “vida do sujeito que se conta” tem um sentido, positivo ou negativo.

O “sujeito que se conta” coloca também em cena os outros que, ao longo de sua vida, fizeram-no tomar consciência do que o distinguia. Quando o sujeito fala, são os outros que falam nele, ou o fazem falar. O adulto que, por seu comportamento, fala da sua dor, dirige-se em realidade àqueles e àquelas que outrora o agrediram. Ouvindo-o, escutamos, com frequência, apenas um eco surdo de cataclismos passados (Berger, 1999: 191).

Parece que as sequelas dos traumatismos ligados à deportação e à dispersão, à errância, às perseguições e à discriminação que se seguiram continuam a fragilizar o sentimento de valor e de confiança da população acadiana, lançando uma série de dúvidas e interrogações acerca da sua continuidade e do seu futuro. E, sem dúvida, um dos maiores desafios enfrentados por essa comunidade é o risco de assimilação pela maioria anglófona. No entanto, quando comparamos a situação atual da Acádia e das minorias francófonas com aquela de 30 anos atrás, constatamos quão grandes progressos foram conquistados nos campos

institucionais, jurídicos, políticos, educacionais, atestando e afirmando a vitalidade dessa comunidade no espaço canadense contemporâneo.

## Referências

ANDERSON, Benedict. *L'imaginaire national: réflexions sur l'origine et l'essor du nationalisme*. Paris: La Découverte, 1996.

ALLAIRE, Gratien. *La francophonie canadienne: portraits*. Québec; Sudbury: AFI-CIDEF/ Prise de Parole, 1999.

ALLAIRE, Gratien; GILBERT, Anne (Dir.). *Francophonies plurielles: communications choisies: colloques du Regroupement pour la recherche sur la francophonie canadienne organisés dans le cadre du congrès annuel de l'ACFAS*. Chicoutimi, 1995; Montréal, 1996.

BASQUE, Maurice; BARRIEAU, Nicole; CÔTÉ, Stéphanie. *L'Acadie de l'Atlantique*. Moncton; Québec: Société nationale de l'Acadie – Centre d'études acadiennes – Centre international de recherche et de documentation de la francophonie – Année Francophone internationale, 1999. 152p.

BASQUE, Maurice; COUTURIER, Jacques Paul (Dir.). *Les territoires de l'identité: perspectives acadiennes et françaises, XVIIe.–XX.e siècles*. Moncton: Chaire d'études acadiennes, 2005, 236 p. Coll. Mouvange.

BERGER, Jean du. Tradição e constituição de uma memória coletiva. In: HANCIAU, N.; DION, S.; BELANGER, A. (Orgs.). *A América Francesa: introdução à cultura quebequense*. Rio Grande: Ed. da FURG, 1999. p. 191-220.

BERND, Zilá (Org.). *Dicionário de figuras e mitos literários das Américas*. Porto Alegre: Tomo Editorial; Ed. da Universidade, 2007. 704p.

DAIGLE, Jean (Dir.). *L'Acadie des Maritimes: études thématiques des débuts à nos jours*. Moncton: Chaire d'études acadiennes, 1993. 908p.

FIGUEIREDO, E. Canadá multicultural e Brasil mestiço: questões de identidade. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE ESTUDOS CANADENSES, 3: *Laços de cooperação cultural Canadá – Brasil*. Salvador: ABECAN/UNEB, 1997. v. 1. p. 43-51.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução:

Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 4. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000. 102p.

HAVARD, Gilles; VIDAL, Cécile. *Histoire de l'Amérique française*. Paris: Flammarion, 2003. 560p.

LANGLOIS, Simon (Dir.). *Identités et cultures nationales: l'Amérique française en mutation*. Québec: Les Presses de l'Université Laval, 1995.

MAILLET, A. *La Sagouine*. Paris: Grasset, 1971.

MORENCY, Jean. *Le mythe américain dans les fictions d'Amérique: de Washington Irving à Jacques Poulin*. Québec: Nuit blanche, 1994. 258p. Coll. Terre américaine.

O'KEEFE, Michael. *Nouvelles Perspectives Canadiennes. Minorités francophones: assimilation et vitalité des communautés*. Disponível em: <<http://www.pch.gc.ca/progs/lo-ol/perspectives/francais/assimil2/>>. Acesso em: 10 jan. 2008.

THÉRIAULT, J. Naissance, déploiement et crise de l'idéologie nationale acadienne. In: LANGLOIS, Simon (Dir.). *Identités et cultures nationales: l'Amérique française en mutation*. Québec: Les Presses de l'Université Laval, 1995.

